

Banho de sol faz esquecer solidão

Orton Luís, Antônio do Carmo e Carmem Maria se conheceram por acaso. A gravidade da doenças levou-os à internação por tempo indeterminado em enfermarias do 4º andar do Hospital de Base de Brasília. O tempo não passa para os enfermos da casa de saúde. As revistas já foram lidas várias vezes. O pequeno armário do quarto está sempre arrumado. A televisão é companheira nos momentos de solidão. Eles fazem de tudo na expectativa de que o dia da alta hospitalar chegue mais rápido.

Tomar banho de sol em plena tarde, indiferente à baixa umidade, tornou-se rotina para esses pacientes. As mãos debilitadas ajudam a carregar os plásticos de soro, presos às

veias por agulhas finas, seguros por um bastão. Dia após dia, eles descem pelo elevador em direção ao pequeno parque de diversões improvisado no Centro do Hospital. Os brinquedos coloridos, feitos com pneus e correntes, lembram os bons tempos da infância. Em meio aos bancos e à sombra das árvores, Orton e os colegas acompanham o balanço do pequeno Márcio Paiva, de 9 anos. O menino, do 7º andar da pediatria, se diverte, sozinho, na gangorra de madeira.

Abatidos, com chinelos de dedo e vestindo aventais, os pacientes não gostam da monotonia da casa de saúde. Estão cansados de permanecer parte do dia deitados. Sonham

com a volta para casa e o reencontro com os familiares, que não perdem um só dia de visita. Orton Lustosa Lisboa, 32 anos, completou, na semana passada, 22 dias de internação. O comerciante de Sobradinho recupera-se de uma cirurgia.

Sorte teve a professora Monalisa Souza de Almeida, 24 anos. Operada de cálculo renal, a professora confessa que os momentos de solidão no 12º andar foram difíceis. Não gostava de contemplar a paisagem pela janela. "Aqui de cima, tudo é diferente", resignou-se. Monalisa teve alta na semana passada. Ficou internada cinco dias. Agora, pretende tornar-se uma das voluntárias para o trabalho com as crianças internadas. (AB)